

CARAMBAIA

**Robert
Louis
Stevenson**

Viagem
com um
burro pelas
Cevenas

Tradução
Cristian Clemente

Posfácio
Gilles Lapouge

MAPA DO PERCURSO 6

DEDICATÓRIA 9

VELAY 11

O burro, a carga e a albarda 11

O burriqueiro verde 17

Consigo um agulhão 26

ALTO GÉVAUDAN 33

Um acampamento

no escuro 33

Cheylard e Luc 44

NOSSA SENHORA

DAS NEVES 49

Padre Apolinário 49

Os monges 54

Os hóspedes 62

ALTO GÉVAUDAN

(CONTINUAÇÃO) 69

Através do La Goulet 69

Uma noite entre

os pinheiros 72

A REGIÃO

DOS *CAMISARDS* 79

Através do Lozère 79

Pont-de-Montvert 85

No vale do Tarn 92

Florac 102

No vale do Mimente 105

O coração do país 109

O último dia 117

Adeus, Modestine! 123

POSFÁCIO

Gilles Lapouge 127

CRONOLOGIA 153

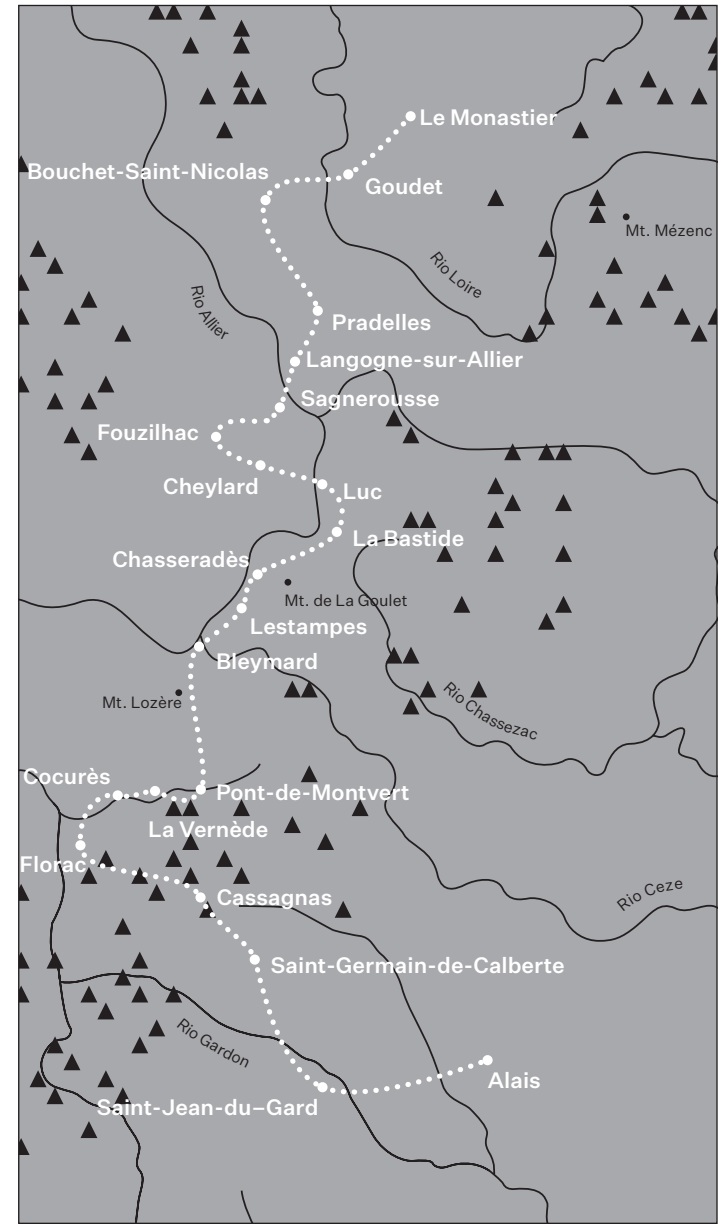
Mapa do percurso
Cevenas*

Mapa da França



<i>Dias</i>	<i>Cidades</i>
22.9	Le Monastier Goudet Bouchet-Saint-Nicolas
23.9	Pradelles Langogne-sur-Allier
24.9	Sagnerousse Fouzilhic Fouzilhac
25.9	Cheyllard Luc
26.9	La Bastide
27.9	Chasseradès
28.9	Lestampes Bleymard
29.9	Pont-de-Montvert La Vernède Cocurès
30.9	Florac
1.10	Cassagnas
2.10	Saint-Germain-de-Calberte
3.10	Saint-Jean-du-Gard Alais

* Cadeia montanhosa localizada no sul da França.



Meu caro Sidney Colvin,

A jornada que este livrinho descreverá foi-me muito agradável e afortunada. Após um início rude, tive a melhor das sortes até o fim. Mas todos somos viajantes naquilo que John Bunyan chama de o deserto do mundo – e todos, também, viajamos de burro: e o melhor que encontramos em nossas viagens é um amigo sincero. Afortunado é o viajante que encontra muitos deles. Viajamos, com efeito, para encontrá-los. São a finalidade e a recompensa da vida. Mantêm-nos dignos de nós mesmos; e, quando estamos sós, estamos apenas mais próximos do ausente.

Todo livro é, num sentido íntimo, uma carta circular aos amigos daquele que o escreve. Somente eles entendem o seu significado; encontram mensagens particulares, testemunhos de amor e expressões de gratidão espalhadas para eles pelos quatro cantos. O público é apenas um mecenas generoso que custeia a postagem. Todavia, embora a carta seja destinada a todos, temos um velho e delicado costume de endereçá-la a um só no lado de fora. Do que poderia um homem orgulhar-se senão dos seus amigos? E assim, meu caro Sidney Colvin, é com orgulho que me declaro, aqui, teu, com afeto,

R.L.S.

Muitos portentos há, mas nada é mais portento que o homem. [...] Ele doma com seus ardis o senhor dos campos.

Sófocles

Quem soltou as amarras do asno selvagem?

Jó

O BURRO, A CARGA E A ALBARDA

Num lugarzinho chamado Le Monastier, num afável vale montanhoso a 24 quilômetros de Le Puy, passei um mês de dias agradáveis. Monastier é famoso pela produção de rendas, pela bebedeira, pela liberdade da linguagem e pela inigualável divergência política. Nesse pequeno povoado montanhês, há seguidores de cada um dos quatro partidos franceses – legitimistas, orleanistas, imperialistas e republicanos; e todos odeiam, aborrecem, condenam e caluniam uns aos outros. Exceto para fins comerciais, ou para desmentirem um ao outro numa briga de taverna, deixam de lado toda a polidez da conversa. É a própria Polônia das montanhas. No meio dessa babilônia, vi-me como um ponto de convergência: todos estavam ansiosos para serem gentis e prestativos para com o estrangeiro. Isso não apenas por conta da hospitalidade natural

do povo montanhês, nem mesmo pela surpresa com que me encaravam por ser um homem que morava de livre vontade em Le Monastier quando bem poderia morar em qualquer outra parte deste vasto mundo; deu-se em boa medida por causa dos meus planos de excursão para o sul através das Cevenas. Um viajante do meu tipo era coisa até então inaudita naquele distrito. Olhavam-me com desdém, como um homem que planejasse uma jornada à lua, mas ao mesmo tempo com um interesse respeitoso, como alguém que partisse para o polo inclemente. Todos estavam dispostos a ajudar-me com os preparativos; uma multidão de simpatizantes apoiou-me no momento crítico de um regateio; não dei um só passo que não fosse acompanhado por brindes e comemorado num jantar ou café da manhã.

Já era quase outubro e eu ainda não estava pronto para partir. E nas altitudes elevadas pelas quais se estendia a minha rota não havia veranico que esperar. Eu estava determinado, se não a acampar ao ar livre, a pelo menos ter à disposição os meios para acampar ao ar livre. Pois não há nada mais molesto a uma mente tranquila do que a necessidade de chegar a um abrigo antes do anoitecer, e aquele que viaja penosamente a pé não deve dar como suposta a hospitalidade de uma estalagem de povoado. Uma tenda, sobretudo para um viajante solitário, é complicada de armar e complicada de desmontar; e ainda confere um traço extravagante à bagagem durante o trajeto. Um saco de dormir, por outro lado, está sempre pronto – basta entrar nele; presta-se a uma dupla finalidade: cama de noite, valise de dia; e não anuncia a intenção de acampar a qualquer transeunte curioso. Isso é fundamental. Um acampamento que não é secreto não passa de um dormitório conturbado: você se torna uma personagem pública; o camponês sociável janta mais cedo e vem visitar o seu leito, e você precisa dormir com um olho aberto e estar de pé antes do amanhecer.

Decidi pelo saco de dormir, e, depois de repetidas visitas a Le Puy e uma boa dose de vida regalada para mim e meus conselheiros, conseguiu-se que um saco de dormir fosse projetado, fabricado e triunfantemente trazido para a casa.

Esse filho do meu engenho tinha quase 2 metros quadrados, sem contar as duas abas triangulares que serviam de travesseiro à noite e de topo e fundo do saco de dia. Chamo-o de “o saco”, mas o considerava assim por mera cortesia: estava mais para uma espécie de baguete ou salsichão, com lona de carroça verde impermeável por fora e lã azul de ovelha por dentro. Formava uma valise cômoda e um leito quente e seco. Havia um espaço régio para uma pessoa virar-se; no limite, dois podiam usá-lo. Eu podia enterrar-me nele até o pescoço. Confiava a cabeça a uma touca de pele, com um manto que eu podia desdobrar por cima das orelhas e uma faixa que eu podia passar sob o nariz como uma máscara. No caso de chuva forte, eu planejava construir uma pequena tenda, ou tendilha, com a minha capa de chuva, três pedras e um galho curvo.

Logo se perceberá que eu seria incapaz de carregar esse embrulho enorme sobre os meus ombros meramente humanos. Faltava escolher uma besta de carga. Ora, o cavalo é a dama requintada dos animais: volúvel, tímido, delicado no comer e frágil de saúde; é valioso demais e irrequieto demais para ser deixado só, de modo que ficamos acorrentados a essa criatura como a um companheiro de escravidão nas galés. Uma estrada perigosa o faz perder o controle. Em resumo, trata-se de um aliado incerto e exigente, que multiplica por trinta o trabalho do viajante. Eu precisava era de algo barato e pequeno e robusto, de temperamento impassível e sereno. E todos esses requisitos apontavam para um burrinho.

Havia em Monastier um velho, de intelecto bastante prejudicado segundo alguns, que costumava ser seguido

pelos meninos de rua e era conhecido por todos como pai Adão. Pai Adão tinha uma carroça e, para puxar a carroça, uma diminuta jumenta, não muito maior do que um cão, de cor cinzenta, com olhos gentis e um maxilar determinado. Havia na malandra algo de gracioso e nobre, uma elegância puritana, que aticou o meu gosto de imediato. O nosso primeiro encontro foi na praça do mercado de Monastier. A fim de provar o bom temperamento do animal, puseram-se sucessivas crianças no seu lombo para uma volta, e elas sucessivamente ficaram de pernas para o ar. Isso até a falta de confiança começar a reinar nos peitos juvenis e a experiência ser interrompida por escassez de voluntários. Eu já tinha o apoio de uma comissão de amigos, mas, como se isso não bastasse, todos os compradores e vendedores vieram rodear-me para ajudar na barganha; e a jumenta, eu e o pai Adão fomos centro de uma algazarra por quase meia hora. No fim, ela passou ao meu serviço pela importância de 65 francos e um copo de conhaque. O saco já tinha custado 80 francos e dois copos de cerveja, de maneira que Modestine – como eu a bati-zei de imediato – era, em todos os aspectos, o artigo mais barato. De fato, foi como deveria ser, pois ela era apenas um acessório do meu colchão, ou um estrado semovente sobre quatro rodízios.

Meu último encontro com pai Adão foi numa casa de bilhar à sinistra hora do poente, quando lhe administrei o conhaque. Ele declarou-se profundamente comovido pela separação e professou que muitas vezes comprou pão branco para a burrinha enquanto ele próprio contentava-se com pão preto. Isso, porém, segundo as melhores autoridades, devia ser um voo da sua imaginação; ele era famoso no vilarejo por abusar brutalmente da jumenta. Contudo, é certo que derramou uma lágrima, e a lágrima lhe traçou uma marca clara bochecha abaixo.

Por conselho de um falacioso seleiro local, fizeram-me um coxim de couro com argolas onde pendurar a carga. Aprontei conscienciosamente minha bagagem e organizei minha toalette. Quanto a armas e utensílios, tomei um revólver, uma pequena lâmpada de álcool, uma lanterna e algumas velas de meia pataca, um canivete e um frasco grande de couro. A carga principal consistia em duas mudas completas de roupa quente – além do meu traje de viagem de veludilho rústico, meu *caban* e meu *spencer* de tricô –, alguns livros e o meu cobertor de viagem, que, também em forma de mala, me possibilitava um segundo castelo nas noites frias. Os mantimentos permanentes eram representados por bolos de chocolate e mortadela bolonhesa enlatada. Tudo isso, com exceção do que eu carregava comigo, cabia facilmente na bolsa de pele de ovelha. Por sorte, também lancei dentro dela a minha mochila vazia, mais pela conveniência do transporte do que por algum pensamento de que poderia querê-la na jornada. Para as necessidades mais imediatas, levei um pernil de cordeiro frio, uma garrafa de Beaujolais, uma garrafa vazia para carregar leite, um batedor de ovos e uma quantidade considerável de pães pretos e brancos, como o pai Adão, para mim e a minha burrica, só que no meu esquema de coisas os destinatários invertiam-se.

Monastienses de todos os espectros de pensamento político entraram em acordo para assustar-me com muitas desventuras absurdas e com muitas e surpreendentes formas de morte súbita. Frio, lobos, ladrões, sobretudo o pregador de peças noturno, eram diária e veementemente impostos à minha atenção. Contudo, o perigo verdadeiro e patente ficou de fora desses vaticínios. Como cristão, foi o meu fardo que me fez sofrer pelo caminho. Antes de contar os meus infortúnios pessoais, permitam-me relatar em duas palavras o que aprendi da minha experiência. Se a

carga é bem atada nas pontas e dependurada inteiriça – não dobrada, pelos céus! – de través sobre a albarda, o viajante está seguro. A sela por certo não ficará justa, tal é a imperfeição da nossa transitória vida; seguramente penderá e tenderá a tombar. Mas há pedras em qualquer beira de estrada, e um homem logo aprende a arte de corrigir qualquer tendência ao desequilíbrio com uma pedra bem encaixada.

No dia da minha partida levantei-me um pouco depois das 5 horas; pelas 6, começamos a carregar o burro; e dez minutos depois minhas esperanças estavam no chão. O coxim não permanecia sobre o lombo de Modestine sequer meio instante. Devolvi-o ao seu criador, com quem tive momentos tão injuriosos que do lado de fora a rua ficou recoberta de um muro ao outro com mexeriqueiros querendo ver-nos e ouvir-nos. O coxim trocava de mãos com muita vivacidade; talvez seja mais preciso dizer que o atirávamos um na cabeça do outro; em todo caso, estávamos muito abrasados e pouco amistosos, e falávamos com bastante liberdade.

Obtive uma albarda comum para burros – uma *barde*, como a chamam – que servia em Modestine e a carreguei mais uma vez com os meus pertences. O fardo dobrado, meu *caban* (pois fazia calor e eu caminharia de colete), uma grande barra de pão preto e um cesto aberto contendo o pão branco, a carne de cordeiro e as garrafas: tudo foi amarrado junto num sistema muito elaborado de nós, e olhei o resultado com um contentamento fátuo. Num arranjo tão monstruoso – toda a carga posta sobre os ombros do burro sem nada embaixo para a contrabalançar, com uma albarda que ainda precisava ser lasseada para servir no animal e atada com cinchas novas em folha de que se poderia esperar que esticassem e afrouxassem pelo caminho –, mesmo um viajante muito incauto deveria ter

enxergado o desastre que se desenhava. O elaborado sistema de nós foi também obra de simpatizantes demais para ter sido pensado com engenhosidade. É verdade que eles apertaram as cordas com vontade; até três ao mesmo tempo apoiaram o pé contra os quartos de Modestine e puxaram trincando os dentes. Mas aprendi depois que uma pessoa atenta, sem nenhum emprego de força, pode realizar um trabalho mais firme que meia dúzia de cavaleiros acalorados e entusiasmados. Eu não passava de um novato então; mesmo depois do infortúnio com a bagagem, nada podia abalar minha segurança, e cruzei a porta do estábulo como um boi que vai ao matadouro.

O BURRIQUEIRO VERDE

O sino de Monastier já soava as 9 horas quando fiquei livre desses problemas preliminares e desci a montanha pela praça central. Enquanto estive à vista das janelas, uma vergonha secreta e o medo de alguma derrota ridícula impediram-me de atrapalhar Modestine. Ela acompanha-me sobre os seus quatro pequenos cascos com uma marcha de sóbria delicadeza; de tempos em tempos sacudia as orelhas ou o rabo; e parecia tão pequena sob o fardo que a minha mente se consternou. Atravessamos o vau sem dificuldade – não havia dúvida quanto a isso, ela era a própria docilidade –, e uma vez na outra margem, onde a estrada começa a subir pelos pinheiros, tomei o ímpio bastão na mão direita e, com espírito vacilante, apliquei-o à jumenta. Modestine avivou o ritmo por três passos, talvez, e logo recaiu no minueto anterior. Outro golpe teve igual efeito e o mesmo com o terceiro. Sou digno de ser chamado inglês e vai contra a minha consciência tocar uma fêmea de maneira rude. Desisti e olhei-a inteira, da

cabeça aos pés; os joelhos da pobre coitada estavam trêmulos e a respiração, cansada. Era evidente que não podia ir mais rápido num monte. Deus me livre, pensei, de barbarizar essa criatura inocente. Que ela vá no próprio passo e que eu a siga pacientemente.

Não há palavra baixa o suficiente para descrever o que era esse passo. Era muito mais lento do que uma caminhada, como uma caminhada é mais lenta do que uma corrida; mantinha-me com cada pé suspenso por uma quantidade incrível de tempo; em cinco minutos, exauriu-me o espírito e provocou-me febre em todos os músculos da perna. E, ainda por cima, eu precisava manter-me por perto e dimensionar o meu avanço exatamente de acordo com o dela; pois, se ficasse algumas jardas para trás ou fosse algumas jardas para a frente, Modestine parava instantaneamente e começava a pastar. O pensamento de que isso duraria daqui até Alais quase me partiu o coração. Dentre todas as viagens concebíveis, essa prometia ser a mais tediosa. Tentei dizer a mim mesmo que o dia estava adorável; tentei seduzir o meu ânimo agoureiro com tabaco; mas tinha uma visão onipresente para mim das estradas longas, longas, morro acima, vale abaixo, e um par de figuras se movendo sempre infinitesimalmente, pé ante pé, 1 jarda por minuto, e, como enfeitados num pesadelo, não se aproximando nem um pouco da meta.

Entretanto, subiu por trás de nós um camponês alto, talvez 40 anos de idade, semblante irônico e aborrecido, trajando uma casaca verde da região. Alcançou-nos lado a lado e parou para observar nosso penoso avanço.

“Sua burrinha”, diz ele, “é muito velha?”

Respondi-lhe que acreditava que não.

Então, ele supôs, tínhamos vindo de longe.

Disse-lhe que tínhamos acabado de sair de Monastier.

“*Et vous marchez comme ça!*”¹, gritou ele; e, jogando a cabeça para trás, soltou uma gargalhada longa e vigorosa. Observei-o, como que preparado para me sentir ofendido, até que ele satisfez o seu gozo. “Não tenha pena desses animais”, disse ele; e, arrancando uma vara de um arbusto, começou a golpear a popa de Modestine enquanto berava. A malandra levantou as orelhas e desatou a trotar num bom passo, que manteve sem esmorecer nem exibir o menor sintoma de cansaço enquanto o camponês se manteve ao nosso lado. Os tremores e as arfadas tinham sido, lamento dizer, uma cena de comédia.

Meu *deus ex machina*, antes de partir, ofereceu um conselho excelente, ainda que desumano. Entregou-me a vara, afirmando que a burrinha a sentiria mais vivamente do que a minha bengala, e por fim ensinou-me o verdadeiro grito ou palavra maçônica dos burriqueiros: “Prut!”. Olhou-me o tempo todo com um ar cômico, incrédulo, que era embaraçoso confrontar; e achou graça na maneira como eu conduzia a jumenta, como eu poderia ter achado graça na ortografia ou na casaca verde dele. Mas eu não estava em condição de achar graça em coisa alguma.

Fiquei orgulhoso do meu novo saber e pensei ter aprendido a arte à perfeição. Modestine certamente fez maravilhas até o fim da manhã, e eu tive espaço para respirar e olhar à minha volta. Era Sabá; os campos das montanhas estavam todos vazios sob a luz do sol; e, quando descemos até Saint-Martin-de-Fugères, a igreja estava cheia, havia pessoas ajoelhadas nos degraus de fora e o som do canto do sacerdote emergia do interior sombrio. Senti-me em casa de imediato; pois sou um cidadão do Sabá, por assim dizer, e todas as observâncias sabáticas, assim como o

¹ “E vocês estão andando assim!” [Esta e as demais notas são desta edição.]